



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE PINHEIRO
CURSO DE ENFERMAGEM

SAMYRE SHIRLEY FRANCO BOTELHO

**SAÚDE MENTAL E DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO
SOBRE A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO**

PINHEIRO -MA

2025

SAMYRE SHIRLEY FRANCO BOTELHO

**SAÚDE MENTAL E DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO SOBRE A
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Enfermagem da Universidade
Federal do Maranhão, campus Pinheiro, como
requisito para obtenção do título de bacharel em
Enfermagem.

Orientador: Prof. Me. Douglas Moraes Campos

PINHEIRO -MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas

Botelho, Samyre Shirley Franco.

SAÚDE MENTAL E DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS: UMA
REVISÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO / Samyre Shirley
Franco Botelho. - 2025.

42 p.

Orientador(a): Douglas Moraes Campos.

Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão,
Pinheiro - Ma, 2025.

1. Atribuição do Enfermeiro. 2. Doenças Crônicas. 3.
Saúde Mental. 4. Cuidados. I. Campos, Douglas Moraes.
II. Título.

SAMYRE SHIRLEY FRANCO BOTELHO

**SAÚDE MENTAL E DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO
SOBRE A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Enfermagem da
Universidade Federal do Maranhão,
campus Pinheiro, como requisito para
obtenção do título de bacharel em
Enfermagem.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Douglas Moraes Campos (Orientador)

Mestre em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Joelmara Furtado Dos Santos (1ª Examinadora)

Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Larissa Di Leo Nogueira Costa (2ª Examinadora)

Doutora em Ciências da Saúde
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a força maior em minha vida, me guiando em cada passo, me sustentando nos momentos de dificuldade e iluminando o caminho até aqui.

Aos meus pais, Welyson Botelho e Wililiane Franco, por serem meu alicerce em todas as etapas da vida. Obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio incansável e por cada sacrifício feito para que eu pudesse alcançar meus sonhos. Vocês me ensinaram o verdadeiro significado de dedicação, força e perseverança, e cada conquista minha é também de vocês.

À minha irmã Samyelle Botelho, por ser minha confidente, minha amiga e minha inspiração constante. Você sempre esteve ao meu lado, celebrando minhas vitórias e me dando força nos momentos de dificuldade. Obrigada por acreditar em mim.

À minha irmãzinha Catarina Botelho, que, mesmo tão pequena, já se tornou uma das minhas maiores motivações.

Ao Walisson Breno Araújo, que é muito mais do que um super amigo. Você é um irmão, uma parte indispensável da minha família.

Às minhas primas Camilly e Kayla Franco, que são como irmãs para mim e vibram com cada uma das minhas conquistas.

À Vanessa Coelho, por sua presença constante, apoio e ajuda em tantas áreas da minha vida.

Ao meu tio Wanderson Botelho, por acreditar nos meus estudos desde o início e ser uma fonte de incentivo.

Ao meu tio Wulilivan Franco, por cada conversa motivacional e por nunca deixar de acreditar no meu potencial.

Aos meus avós Silvana Aroucha, Evandro Botelho e Wanderly Franco, por serem pilares de amor, sabedoria e inspiração ao longo de toda a minha vida.

Às minhas amigas Ana Karoline Moraes e Camila Campos, companheiras de faculdade e estágio, que dividiram comigo os momentos bons e ruins, tornando essa caminhada mais leve e significativa.

Ao Lucas Risardi, que foi muito mais do que apoio nesta caminhada. Seu incentivo, ajuda e presença foram fundamentais para que eu acreditasse em mim mesma e alcançasse este objetivo.

Aos meus amigos da Unity, Matheus Guignone, Vinícius Souza, Giovanny da Costa, Felipe Putrique, Vitor Santos e Agsther Monteiro, por estarem ao meu lado e por tornarem o percurso mais leve, repleto de momentos de alegria e descontração que jamais esquecerei.

Ao Marcus Trierweiler, pela amizade verdadeira e pelo companheirismo. Suas palavras de sabedoria me ajudaram a manter os pés no chão.

Ao Wedrey Silva, pela imensa paciência, pelos puxões de orelha na hora certa, pelo suporte emocional e, principalmente, por arrancar risadas que tornaram os dias mais leves.

À minha amiga Ana Paula Miranda, pela presença constante e por estar ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu amigo Mateus Ferreira Durães, por seu apoio incansável. Obrigada por aguentar meus surtos e, ainda assim, continuar acreditando em mim.

Ao meu amigo Patrick Valotto Freire, por tanto carinho e por ser um exemplo de bondade.

Ao eu orientador Douglas Moraes, pela paciência, dedicação e pelas valiosas orientações.

Aos meus professores em geral, que ao longo dessa caminhada acadêmica foram mais do que educadores. Cada um contribuiu à sua maneira para a minha formação profissional.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA), instituição que me proporcionou uma formação acadêmica sólida e oportunidades de crescimento. Sou grata pelo conhecimento adquirido, pelos desafios que me fizeram evoluir e por todo o suporte oferecido ao longo da minha trajetória.

À minha avó Wanderlisse Franco, que esteve ao meu lado em tantas fases importantes da minha vida, mas que hoje não está mais aqui para presenciar minha formatura. Sua ausência é sentida profundamente, mas carrego comigo tudo o que aprendi e dedico esta conquista em sua memória.

“O medo de arriscar é o que te impede de evoluir.”
(Uchiha Itachi)

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este estudo aborda como as doenças crônicas influenciam a saúde mental dos pacientes, destacando a importância da atuação dos enfermeiros na mitigação desses impactos por meio de práticas de cuidado holísticas, acolhedoras e efetivas. O tema busca evidenciar as relações entre saúde física e emocional e como os profissionais de enfermagem podem atuar para promover o bem-estar dos pacientes. **OBJETIVO:** Compreender a atuação do enfermeiro em quadros de saúde que interseccionam saúde mental e doenças crônicas não transmissíveis. **METODOLOGIA:** Realizou-se uma revisão integrativa com a seleção de oito artigos publicados entre 2014 e 2024, pesquisados nas bases LILACS, SciELO, MEDLINE e Google Acadêmico. Os critérios de inclusão consideraram artigos relacionados à atuação dos enfermeiros, doenças crônicas e saúde mental, excluindo publicações fora desse escopo ou anteriores ao período delimitado. **RESULTADOS:** A análise dos artigos evidenciou que pacientes com doenças crônicas frequentemente apresentam sintomas como ansiedade e depressão, prejudicando sua adesão ao tratamento e qualidade de vida. Estratégias como consultas de enfermagem, telemonitoramento, visitas domiciliares e o uso de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) foram identificadas como eficazes para melhorar o suporte emocional e físico, além de fortalecer o vínculo enfermeiro-paciente. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que os enfermeiros têm papel central na promoção de um cuidado integral e humanizado. Apesar disso, desafios como a sobrecarga de trabalho e a falta de capacitação ainda limitam a implementação de ações holísticas. Reforça-se a necessidade de investimentos em políticas públicas e formação continuada para ampliar a eficácia do cuidado em saúde mental no contexto das doenças crônicas.

Palavras-chave: Atribuição do enfermeiro. Doenças crônicas. Saúde mental. Cuidados.

ABSTRACT

INTRODUCTION: This study explores how chronic diseases influence patients' mental health, highlighting the crucial role of nurses in mitigating these impacts through holistic, compassionate, and effective care practices. The research emphasizes the relationship between physical and emotional health and how nursing professionals can contribute to promoting patient well-being. **OBJECTIVE:** To understand the role of nurses in health conditions that intersect mental health and chronic non-communicable diseases. **METHODOLOGY:** An integrative review was conducted, selecting eight articles published between 2014 and 2024 from LILACS, SciELO, MEDLINE, and Google Scholar. Inclusion criteria considered articles related to nursing practices, chronic diseases, and mental health, excluding publications outside this scope or before the defined period. **RESULTS:** The analysis revealed that patients with chronic diseases frequently experience symptoms such as anxiety and depression, impairing treatment adherence and quality of life. Strategies such as nursing consultations, telemonitoring, home visits, and the use of Complementary and Integrative Practices (CIPs) were identified as effective in enhancing emotional and physical support, as well as strengthening the nurse-patient relationship. **CONCLUSION:** It is concluded that nurses play a central role in promoting comprehensive and humanized care. However, challenges such as workload and lack of specialized training still hinder the implementation of holistic approaches. This study reinforces the need for investments in public policies and continuous education to enhance the effectiveness of mental health care in the context of chronic diseases.

Keywords: Nurse's role. Chronic diseases. Mental health. Care.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1	Conceitos de Saúde Mental e Doenças Crônicas.....	13
2.2	Relação entre Saúde Mental e Doenças Crônicas.....	15
2.3	Papel do Enfermeiro na Gestão de Doenças Crônicas e Saúde Mental.	19
3	OBJETIVOS.....	23
3.1	OBJETIVO GERAL.....	23
3.2	OBJETIVO ESPECÍFICO.....	23
4	METODOLOGIA.....	24
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
6	CONCLUSÃO.....	34
7	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) afetam uma parcela significativa da população adulta. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, aproximadamente 52% dos brasileiros com 18 anos ou mais foram diagnosticados com ao menos uma DCNT (Ministério da Saúde, 2021). Observa-se uma prevalência maior entre as mulheres (14,7%) em comparação aos homens (5,1%) (Ministério da Saúde, 2021). Além disso, estudos indicam que o adoecimento mental está associado ao aumento na frequência e gravidade de outras doenças crônicas, reforçando a necessidade de uma abordagem integrada na gestão dessas condições (Araújo, 2023).

Prevenção da enfermidade mental, ajuda ao doente no enfrentamento da enfermidade mental são algumas das atribuições do enfermeiro na assistência as pessoas, famílias a comunidade no contexto da saúde mental. Todavia, para execução de tais funções, o profissional deve fazer uso da percepção e da observação, formular interpretações válidas, delinear campo de ação com tomada de decisões, planejar a assistência, avaliar as condutas e o desenvolvimento do processo. Essas ações fazem parte do processo de enfermagem, devendo direcionar o relacionamento interpessoal e terapêutico (Silva, 2018).

Para que sejam cumpridas com autonomia tais funções descritas acima, os enfermeiros necessitam de treinamento e de capacitações para suprir a falta de preparo, que pode ter advindo de limitações pessoais, inexperiência, ou mesmo déficit na formação, falta de apoio da gestão em cursos de capacitação em saúde mental em detrimento de outras áreas do conhecimento (Gusmão, 2022).

Nunes et al. (2019) enfatizam que as intervenções em saúde mental realizadas pelos enfermeiros devem promover novas possibilidades de modificar e qualificar as condições e modos de vida das pessoas com transtornos mentais, orientando-se pela produção de vida e de saúde e não se restringindo em apenas à cura de doenças.

O enfermeiro precisa estar preparado para atender a todo o tipo de

usuário e dar-lhe suporte humanizado e holístico ampliando possibilidades e potencialidades do usuário, família, profissionais e comunidade. É importante que o enfermeiro tenha conhecimento das suas funções tanto das peculiaridades dos medicamentos utilizados em saúde mental quanto da criação do vínculo com o paciente e familiar para haver a corresponsabilização pelo cuidado (Gomes; Vargas, 2023).

A necessidade de compreender como as doenças crônicas influenciam a saúde mental dos pacientes e como os enfermeiros podem atuar de forma eficaz para mitigar esses impactos através de uma abordagem holísticas é que se destaca a seguinte questão norteadora da pesquisa: como a atuação dos enfermeiros na gestão de doenças crônicas pode impactar a saúde mental dos pacientes e de que forma uma abordagem holística pode melhorar a qualidade de vida desses indivíduos?

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender, como já mencionado, como as doenças crônicas influenciam a saúde mental dos pacientes, e como os enfermeiros podem atuar de forma eficaz para mitigar esses impactos através de uma abordagem holística. essas inquietações levaram a pesquisadora a buscar mais por estudos acerca da temática.

Destaca-se outro elemento que foi crucial para a escolha da temática, a vivência nas aulas práticas nos hospitais. A pesquisadora percebe e reflete que de fato, o papel do enfermeiro na atuação das suas atividades profissionais na atenção ao paciente no contexto da saúde mental é muito importante. Ademais, é necessário ter empatia, dando- o a condição de se permitir estar no lugar do outro. Portanto, pode-se mencionar que acolhimento e escuta são ferramentas essenciais nesse processo.

Em relação a relevância social e científica, tenciona-se contribuir de fato com esta pesquisa, esperando que esta abra um leque de informação em relação à prática profissional, a fim de melhor compreender essas mudanças ocorridas, para que se possa desempenhar mudanças necessárias contemplando uma prática de enfermagem mais qualificada. Dessa forma este trabalho contribuirá com pesquisadores possibilitando-os a serem mais críticos e reflexivos.

Diante do panorama, esta pesquisa abarca 06 (seis) capítulos, dispostos da seguinte maneira: na primeira parte contém as informações e organizações de todo o estudo; na segunda seção apresenta-se a revisão de literatura; na

terceira seção estão os objetivos geral e específicos; na quarta seção cita-se o percurso metodológico da pesquisa, colocando em pauta o tipo de estudo e procedimentos; na quinta seção estão os resultados e discussões; na sexta seção está a conclusão com as considerações finais. Em seguida as referências bibliográficas conforme sequencias dispostas a seguir.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde mental é um estado de bem-estar no qual as pessoas são capazes de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse de rotina, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade (OMS, 2015). Além disso, Silva (2018) apresenta que a OMS afirma ainda, que diferenças culturais, julgamentos subjetivos, e teorias relacionadas concorrentes afetam o modo como a "saúde mental" é definida.

Nesta ótica, para melhor esclarecimento e entendimento relacionado à temática, é que neste capítulo apresenta-se os conceitos de saúde mental e doenças crônicas e suas relações, bem como, se aborda sobre o papel do enfermeiro na gestão de doenças crônicas e saúde mental.

Conceitos de Saúde Mental e Doenças Crônicas

As doenças crônicas (DC) se caracterizam por um conjunto de patologias de múltiplas causas e fatores de risco, longos períodos de latência e curso prolongado. Além do mais, têm origem não infecciosa e podem resultar em incapacidades funcionais (Figueiredo; Ceccon; Figueiredo, 2021).

De acordo com Feliciano; Villela; Oliveira (2023) as doenças crônicas são representadas pelas doenças do aparelho circulatório (DAC), neoplasias (NEO), diabetes mellitus (DM) e doenças respiratórias crônicas (DRC) caracterizando -se por lesões irreversíveis e complicações de diferentes graus gerando incapacidade ou óbito, e são consideradas um grande problema de saúde pública.

São consideradas as doenças crônicas de maior prevalência e que causam maior impacto na saúde individual e coletiva: doenças cardiovasculares como a hipertensão arterial sistêmica, o diabetes, a obesidade, as doenças respiratórias crônicas e as neoplasias (Coelho et al., 2023).

Conforme Feliciano; Villela; Oliveira (2023) há vários fatores de riscos associados às doenças crônicas, como os fatores sociais, econômicos, culturais, educacionais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam para o aparecimento das doenças.

Em todo o mundo, as DC atingem de modo substancial as populações em situações de vulnerabilidade, com dificuldade no acesso aos serviços de saúde e com hábitos de vida desfavoráveis em relação ao cuidado com as condições e doenças crônica (Coelho et al., 2023).

De acordo com Soares et al., (2023) as doenças crônicas são de etiologia multifatorial, sendo assim podem ser de origem genética ou comportamental, este último pode ser modificado de acordo com o estilo de vida das pessoas referente a alimentação, uso de tabaco, uso do álcool e sedentarismo.

Na doença crônica é comum que frente a perdas significativas apareçam estágios de negação, raiva, barganha, aceitação e esperança, como busca por justificativas para a situação e como forma de tentar compreendê-la (Menezes, 2018).

A doença e a hospitalização mudam a rotina do paciente bem como da sua família. Ambos tendem a passar por intensas vivências afetivas de medo, pena, culpa e impotência. Além disso, sentimentos com frequências elevadas de estresse, distúrbios do humor e ansiedade também podem ser observados nestes casos (Battistello; Leal- Conceição, 2022).

Conforme Moura et al., (2020) pessoas com comorbidades apresentam maior frequência dos sintomas de Transtornos Mentais Comuns (TMC) na qual são caracterizados pela presença de sintomas depressivos, somatoformes e ansiosos, contudo, eles não se enquadram nos critérios do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) para depressão e ansiedade.

Observa-se que os TMC são mais prevalentes entre mulheres, pessoas com baixa escolaridade, baixa renda, idosos, sujeitos com percepção de apoio emocional deficitário, e entre aquele(a)s que tem condições de vida precárias (Moura et al., 2020).

Os TMC estão associados aos aspectos sociais, econômicos e psicológicos. Seus fatores de risco incluem as questões referentes à situação socioeconômica, familiar, o diagnóstico de uma doença, a perspectiva do prognóstico, o tratamento em si, a hospitalização e a ausência de rede de apoio para o enfrentamento da doença (Moura et al., 2020).

Doenças crônicas tais como transtornos de ansiedade, depressão, insuficiência cardíaca, doenças isquêmicas do coração, hipertensão arterial, diabetes, enxaqueca, doença pulmonar obstrutiva crônica, asma e doenças osteomusculares estão associadas com a qualidade de vida diminuída (Menezes, 2018).

Para Menezes (2018), cada indivíduo reage de forma diferente ao vivenciar uma doença crônica, na qual está relacionada com a sua personalidade, com a tolerância a frustrações e relação com a equipe multiprofissional, há indivíduos que mesmo sendo acometidos por uma ou várias DC, conseguem ter um estilo de vida quase normal, enquanto há outras pessoas que se abalam fortemente e nunca mais consegue readaptar-se.

A saúde mental é uma área transversal de cuidado integral em todas as áreas de atenção à saúde, que se compreende na interação que confere a subjetividade das ações em saúde. A forma como se dá a interação da equipe de enfermagem com o paciente que tem um sofrimento psíquico ou emocional é fundamental para criação do vínculo e consequentes intervenções efetivas (Bard et al., 2021).

Esse vínculo auxilia os pacientes quando oferece suporte para resolver questões mentais, emocionais e aspectos disfuncionais da vida cotidiana ou do tratamento em saúde; manejo e alívio de sintomas; e melhora das funções globais (Bard et al., 2021).

A seguir, apresenta-se como se dar a relação entre saúde mental e doenças crônicas.

Relação entre Saúde Mental e Doenças Crônicas

A relação entre saúde mental e doenças crônicas é complexa e bidirecional. Pacientes com doenças crônicas frequentemente apresentam uma maior

prevalência de transtornos mentais. De acordo com Silva e Silva (2022, p. 29) saúde mental é uma “condição de saúde que envolve mudança de humor, pensamentos ou comportamentos, ou uma dessas combinações. Ela está relacionada ao sofrimento e/ou dificuldade em realizar atividades sociais, laborais ou familiares”. Ademais, as autoras preconizam que saúde mental é a base das emoções do pensamento da comunicação da aprendizagem da resiliência e da autoestima.

A saúde mental é a base para as emoções, o pensamento, a comunicação, a aprendizagem, a resiliência e a autoestima. A saúde mental também é fundamental para os relacionamentos, o bem-estar pessoal e emocional e a contribuição para a comunidade ou a sociedade. Muitas pessoas que têm uma doença mental não querem falar sobre isso. Mas a doença mental não é nada para se envergonhar! É uma condição médica, assim como doenças cardíacas ou diabetes (Valadares, 2019).

Nota-se que o conceito de saúde mental não deve ser compreendido como ausência de doenças, mas deve também considerar as potencialidades do ser humano em suas dimensões social, biológica, psicológica e cultural. Para Silva e Silva et.al. (2022), o termo Saúde Mental é, a forma de como as pessoas reagem as exigências, desafios e as mudanças da vida, em como elas organizam suas ideias e emoções no seu dia a dia, englobando alegria, felicidade, tristeza, raiva, frustração, satisfação, entre outros. Conforme as autoras, é a forma de como lidamos com esses sentimentos é, o que determina a qualidade da nossa saúde mental.

Dessa forma, Costa et al (2023), enfatiza que a relação saúde-doença é tida como um processo dinâmico, complexo e multidimensional, compondo o ser humano nas dimensões biológicas, ambientais, genéticas, hormonais e psicológicas. Neste contexto, segundo os autores, o processo de adoecimento colabora para o desequilíbrio destes eixos.

Nessa discussão acalorada, Silva e Silva et.al., enfatizam que o desequilíbrio emocional é o que causa o surgimento da doença mental. Neste cenário, as Doenças Crônicas surgem como um grupo de patologias capazes de atingir de forma singular ou conjugadas a saúde do indivíduo na narrativa mundial (Feliciano;

Vilella; Oliveira, 2023). Silva et. al., abordam que o aumento da prevalência de doenças crônicas, são as principais causas de mortalidade e incapacidade em todo o mundo. Ainda de acordo com esses autores, essas doenças são responsáveis por 38 milhões de mortes anuais, sendo que $\frac{3}{4}$ desse total ocorrem em países de baixa e média renda como o Brasil.

Nesse viés, Azevedo et al (2013) abordam que a atenção primária à saúde é a porta de entrada dos sistemas de saúde que oferece desafios especiais, pois muitos dos problemas trazidos pelos pacientes são geralmente vagos e não relacionados a doenças orgânicas específicas. Nesse contexto, para os estudiosos, estão inseridas as doenças crônicas que têm sido muito estudadas por conta da importância da busca de estratégias para redução da prevalência dos fatores de risco envolvidos, que estão diretamente relacionados às mudanças de estilo de vida e à qualidade de vida.

Nessa perspectiva, Silva et al (2017), demonstram que as doenças mentais estão entre as Doenças Crônicas (DC) que mais diretamente causam incapacidade e pioram a qualidade de vida, com grande impacto também para os familiares. Em conformidade Azevedo et al. (2013), afirmam que entre elas, a mais prevalente é a depressão.

Em relação à depressão, existe uma forte associação bidirecional com DC, sendo a depressão considerada fator de risco para um pior prognóstico de doenças crônicas, como diabetes e síndrome coronariana, ou como consequência no agravamento da doença, como, por exemplo, a alta prevalência de depressão após um acidente vascular cerebral (AVC), o que impacta muito na incapacidade, na qualidade de vida e na mortalidade do indivíduo (Costa, et.al., 2023).

Para Silva et al. (2018) o transtorno depressivo maior (TDM) é um distúrbio do humor que acomete pessoas de qualquer faixa etária. Silva e Silva (2018), afirma que embora as doenças mentais, apresentam diversas classificações e são expressas por características distintas entre cada uma delas, “na crise”, a primeira coisa a ser feita é, tentar manter a calma, agir com calma e estabelecer um contato seguro, com o paciente, a fim de promover um diálogo que imponha acima de tudo o respeito, a empatia e a atenção ao que o paciente tem a dizer, pois muito

das vezes o paciente procura uma relação de socializar.

Em conformidades há estudos que apontam relações de associação entre doenças crônicas e depressão em diferentes faixas de idade, incluindo adultos entre 20 e 59 anos. Essas relações, para Charlson, et al (2013), foram mais examinadas em doenças cardiovasculares e cerebrovasculares. Sintomas depressivos parecem estar associados a fatores comportamentais que aumentam atividade inflamatória vascular e incidência de doença coronariana; e a depressão maior é considerada fator de risco independente para cardiopatia isquêmica.

Não obstante, é valido destacar que estes episódios depressivos afetam diretamente, de acordo com Costa et al. (2023), na debelação dos níveis basais de respostas imunológicas, variação da frequência cardíaca, aumento da liberação de cortisol, modificações na regulação de neurotransmissores e complicações vasculares. Neste contexto, as DC necessitam de um acompanhamento holístico, que nutra suas necessidades tanto no contexto fisiológico, como emocional, a fim de reduzir o quadro estressor, proporcionando uma assistência multiprofissional (Souza et al., 2020).

Os transtornos mentais estão entre os principais problemas de saúde pública da atualidade. Nesse contexto, as emergências psiquiátricas merecem destaque, pois exigem preparo adequado por parte dos profissionais de enfermagem (Ikuta et.al., 2013). Destaca-se, também a comunicação terapêutica como uma intervenção principal para ajudar na saúde mental dos indivíduos com doenças crônicas. Pois, as pessoas que sofrem de diferentes doenças crônicas têm de aprender a conviver com várias limitações em seu cotidiano, uma vez que a doença exige adaptação do paciente e dos familiares em diferentes aspectos da vida, e geralmente tais mudanças se desdobram com o tempo. Esse ajustamento implica, possivelmente, uma marcada diminuição da qualidade de vida (Souza et al., 2020).

Falando sobre qualidade de vida, alguns estudiosos, tais como, Azevedo et al (2013) citam que em pacientes com doenças crônicas, as mulheres em geral as percebem de forma pior que os homens; outrossim, de acordo com os autores, é importante considerar que as mulheres buscam mais atendimentos nos

serviços de saúde, e uma possível justificativa é o fato de que além de terem uma autopercepção pior de saúde do que os homens expressam com maior facilidade seus sintomas, realizam consultas.

No tocante a este estudo, pode-se enfatizar que, tendo em vista a grande prevalência e incidência das DC, os atuais conhecimentos de suas manifestações no organismo, bem como o quadro estressante associado ao diagnóstico e tratamento, é que esta subseção possibilitou a compreensão da relação entre DC e a saúde mental.

Na próxima subseção aborda-se acerca do papel do enfermeiro na atuação das suas atividades profissionais na gestão de doenças crônicas e atenção ao paciente no contexto da saúde mental.

Papel do enfermeiro na Gestão de Doenças Crônicas e Saúde mental

A enfermagem é estabelecida por diferentes formas de cuidar que é determinada pelas relações sociais de cada momento histórico. Atualmente, segundo Silva (2018) o trabalho de enfermagem é integrante do trabalho coletivo em saúde, é especializado, dividido e hierarquizado entre auxiliares, técnicos e enfermeiros de acordo com a complicação de compreensão e execução.

Para Gusmão et al. (2022), os profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) evidenciam, no seu cotidiano, a grande procura dos serviços por causa de sofrimento ou transtornos mentais. Ainda de acordo com o supracitado autor, a APS se constitui como uma das principais estratégias para o cuidado das necessidades em saúde mental, o enfermeiro que atua diretamente nesse serviço deve estar preparado para o atendimento às pessoas com sofrimento mental, agindo diretamente na redução dos danos e na prevenção de possível hospitalização do paciente, atuando, ainda, no acolhimento, no suporte às famílias e na realização do Processo de Enfermagem.

Em relação a esse trabalho do enfermeiro, enfatiza-se os cuidados com o corpo e as demandas descritas pelas equipes como ações que Almeida et al (2020) esclarece que são denominados com ações de cunho biológico. Além disso, há os procedimentos técnicos nos quais há o contato direto com o corpo físico, como coleta de sangue, administração de medicação, mensuração antropométrica, verificação de sinais vitais, monitoramento dos níveis de glicose, tratamento de feridas e cuidados de primeiros socorros.

Corroborando, Silva (2018) preconiza que a maior parte dos profissionais conhece como ações de saúde mental apenas a administração de medicamentos psiquiátricos e o encaminhamento do paciente para serviços especializados. Mas, na realidade o atendimento da enfermagem nesses casos deve ir muito além, começando por acolher e ouvir o cliente (Caixeta; Moreno, 2008; Gonçalves, 2009).

Em conformidade, Nunes et al (2019), aborda que a despeito da importância da atuação do profissional enfermeiro, a demanda de atividade ainda representa um hiato entre a identificação do problema e a atuação dentro da comunidade. Ademais, no âmbito do cuidar, os enfermeiros estão mais próximos do paciente, tornando-se, dessa forma, uma grande referência para a maioria dos portadores de transtornos mentais, exigindo-se destes uma grande atenção da qual, inúmeras vezes, o profissional de enfermagem não está apto para proporcionar o atendimento solicitado provocando uma insatisfação profissional.

Nessa elucidação, Lacchini et al (2011) alerta que o profissional enfermeiro não deve resolver os problemas do sujeito, mas deve trabalhar com ele, buscando soluções que sejam adequadas para a sua condição, utilizando -se de suas habilidades e de seu conhecimento, oferecendo intervenção terapêutica, sabendo ouvir e intervindo por meio de instrumentos e ações que visem uma melhor qualidade de vida para o doente mental.

Nessa ótica, a contribuição de Gusmão et al (2022) é de suma importância quando destaca que, para o enfermeiro possuir elementos históricos e um maior relacionamento com a pessoa em sofrimento, a consulta de enfermagem mostra -se

como um instrumento indispensável no cuidado de enfermagem. Outrossim, ainda de acordo com o autor, a consulta de enfermagem em saúde mental é uma das melhores formas para se agregar valor ao profissional enfermeiro, além de dar autonomia ao paciente e ao familiar, tornando-se uma das bases para o cuidado.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Silva e Silva (2022) afirmam que se precisa realmente, realizar, prestar e solucionar as demandas de tais necessidades que o paciente apresenta, voltadas também para sua família e para toda equipe multidisciplinar que está diretamente prestando essa atenção a ele, uma vez, que a reforma psiquiatria brasileira dispõe de recursos e técnicas para se quebrar o antigo sistema manicomial e suas atividades do cuidar.

O cuidado aos pacientes requer dos profissionais de enfermagem uma visão ampla, que lhes permita perceber o ser humano em sua totalidade, condição imprescindível para cuidar com qualidade, o que constitui um desafio ao exercício da profissão (Hepp, 2013).

Percebe-se pelo fragmento mencionado, que a partir da Reforma Psiquiátrica, é exigido cada vez mais uma qualificação dos profissionais de saúde, a fim de superar os paradigmas com os antigos manicômios brasileiros. De acordo com Hepp (2015), o processo da Reforma Psiquiátrica exige cada vez mais qualificação técnica e teórica dos trabalhadores do setor saúde, muitas vezes desmotivados por baixa remuneração e condições precárias de trabalho.

Além disso, cabe ressaltar que atividades de assistência integral e em equipe multiprofissional que estão previstas na Lei do Exercício Profissional e no Código de Ética da Enfermagem são de extrema importância, contudo, conforme Almeida et al. (2020), no âmbito da saúde mental esta questão ainda carece de debates mais amplos para aprofundar o entendimento dos conceitos de integralidade e interdisciplinaridade.

A finalidade das ações interdisciplinares é superar a fragmentação do cuidado e promover a integração das diferentes profissões. Tais ações são importantes tanto para o processo de trabalho conjunto que proporciona um atendimento integral ao usuário quanto para a superação do modelo tradicional de cuidado psiquiátrico (Almeida, et al., 2020, p. 06).

Ainda, é relevante destacar que o enfermeiro, juntamente com toda a equipe de saúde, deve conhecer o perfil de sua clientela, auxiliando o planejamento e execução das ações de saúde mental, como afirma Nunes et al. (2019), tanto a nível de UBS quanto na comunidade. Da mesma forma, é necessário que o enfermeiro reflita sobre o que já se realiza cotidianamente e o que o território tem a oferecer como recurso que possa contribuir no manejo dessas questões.

Contribuindo ainda nessa perspectiva, os supracitados autores mencionados no parágrafo acima, idealizam que a compreensão é uma das chaves principais para um bom atendimento às pessoas com doenças crônicas e mentais, segundo os autores, compreender como os pacientes com transtornos mentais são atendidos pelo enfermeiro é importante, uma vez que, dessa forma, poder-se-á contribuir para o aprimoramento das ações em saúde mental.

Mediante, o exposto, Silva e Silva (2018) preconizam que o papel do Enfermeiro é, compreender as necessidades da complexidade estrutural que compõe a saúde, ou seja, aprender as necessidades de cada um, que está inserido nesse contexto complexo onde o cuidar de pessoas, está além dos pacientes, abrangendo seus familiares e nossa equipe multidisciplinar.

Assim, sendo, neste estudo nota-se a importância da função do enfermeiro, sua visão holística, levando em conta a individualidade do ser humano e os relacionamentos interpessoais, promovendo o autocuidado e responsabilizando o sujeito pela sua saúde.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender a atuação do enfermeiro em quadros de saúde que interseccionam saúde mental e doenças crônicas não transmissíveis.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever como os enfermeiros podem atuar de forma eficaz na promoção da saúde mental e na gestão das doenças crônicas;
- Conhecer a atuação do enfermeiro na intersecção entre saúde mental e doenças crônicas;
- Descrever de que maneira as doenças crônicas impactam sobre a saúde mental.

4. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma Revisão Integrativa (RI) de literatura, que utiliza como fonte de dados artigos de abordagem qualitativa e busca analisar e compreender a atuação do enfermeiro na intersecção entre saúde mental e doenças crônicas.

A revisão integrativa da literatura é um resumo de estudos primários. Utiliza diferentes delineamentos de pesquisa, métodos explícitos de busca sistemática (Sousa; Costa; Santos, 2022). Além disso, este método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (Mende; Silveira; Galvão, 2008).

Ademais, conforme os autores supracitados, a realização da RI se deu através das etapas previstas na metodologia: formulação do problema, coleta, avaliação, análise e interpretação dos dados e apresentação dos resultados. Conforme, (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Para responder à questão norteadora do estudo, foi utilizada a estratégia PICO, que auxilia na formulação de perguntas de pesquisa clínica e na busca de evidências científicas. A estratégia PICO é uma ferramenta amplamente utilizada na prática baseada em evidências para auxiliar na formulação de perguntas de pesquisa claras e estruturadas. O acrônimo PICO representa os quatro componentes essenciais de uma pergunta clínica: Paciente/Problema (P), Intervenção (I), Comparação (C) e Desfecho (O). Essa abordagem sistemática facilita a identificação e a busca de evidências científicas relevantes, otimizando o processo de tomada de decisão clínica (Santos, 2007).

Dessa forma, a pergunta de pesquisa foi definida da seguinte maneira: "Em pacientes com doenças crônicas não transmissíveis, a atuação dos enfermeiros por meio de uma abordagem holística, em comparação à assistência tradicional biomédica, pode melhorar a qualidade de vida e reduzir os impactos negativos na saúde mental?"

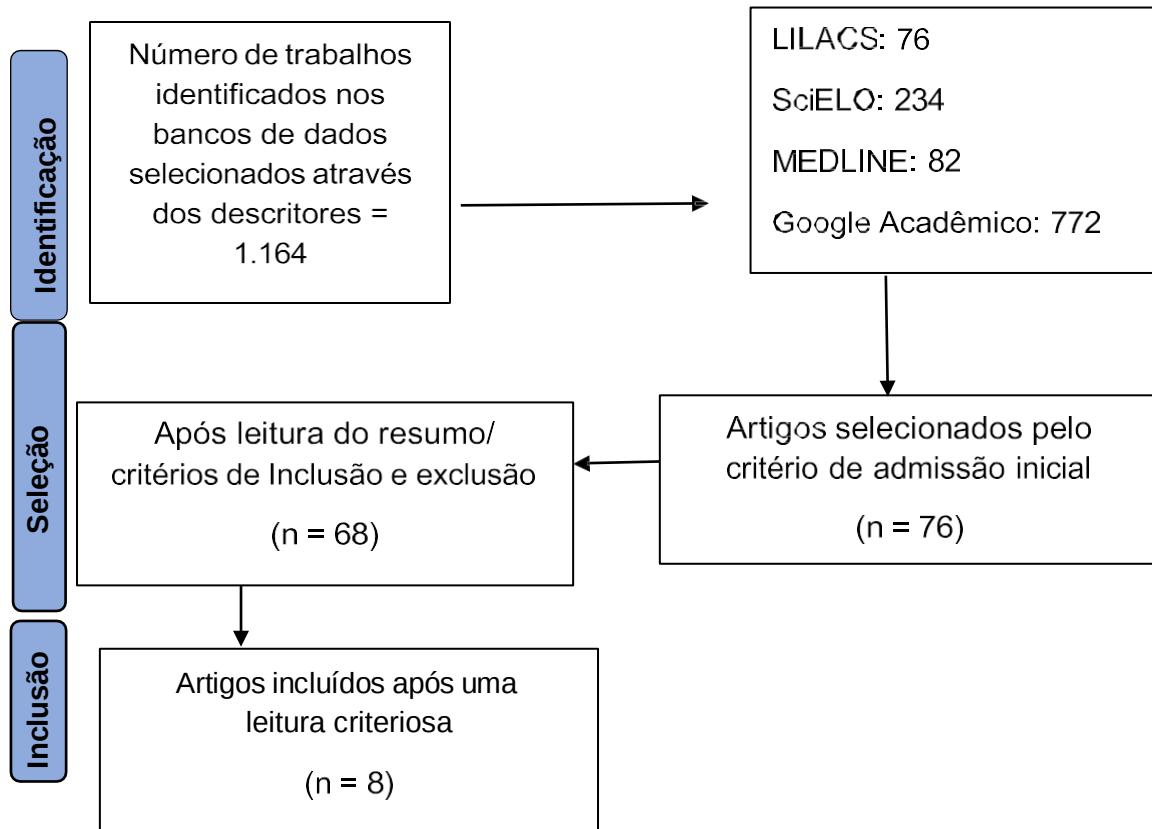
Para coleta, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System On-line (MEDLINE) e Google Acadêmico, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "Atribuição do enfermeiro", "Doenças crônicas", "Saúde Mental" "Cuidados".

Ademais, a busca na literatura foi baseada nos seguintes critérios de inclusão:

artigos de pesquisa, revisões, e relatos de experiência que respondam à questão norteadora, publicados nos últimos 10 anos, a contar de janeiro de 2014 a outubro de 2024. Foram aplicados, também, critérios de exclusão, estes são: Artigos, revisões e relatos de experiências que não tinham o tema do trabalho que correspondente à temática ou não respondiam à questão norteadora, assim também como publicações duplicadas.

Além da RI, foi utilizada a ferramenta PRISMA para tornar a pesquisa mais clara e direcionar a etapa de avaliação. A estratégia PRISMA é uma diretriz desenvolvida para aprimorar a transparência e a qualidade na elaboração de revisões sistemáticas e meta-análises. Ela fornece um checklist com itens essenciais que devem ser incluídos nesses tipos de estudos, além de um fluxograma que auxilia no delineamento do processo de seleção dos estudos (Page et al, 2020). Essa fase envolveu principalmente a classificação dos estudos, servindo como base para uma análise mais aprofundada dos dados, considerando critérios como o ano de publicação, objetivo, a resposta ao problema norteador e os demais critérios de inclusão e exclusão previamente mencionados, resultando em um conjunto bibliográfico mais compacto e adequado para revisão.

A busca foi realizada nas bases de dados supracitadas, utilizando os descritores *“Atribuição do enfermeiro”*, *“Doenças crônicas”*, *“Saúde mental”* e *“Cuidados”*, combinados com operadores booleanos (*AND* e *OR*). Inicialmente, foram identificados 1.164 trabalhos. Após a aplicação dos devidos filtros, o dado amostral foi de 76 artigos, que foram avaliados com base nos critérios de elegibilidade. Nessa etapa, foram excluídos 68 estudos por não atenderem a pelo menos um dos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Após esse processo, foram selecionados 8 artigos para compor a amostra final e serem utilizados na discussão deste trabalho.

Figura 1 – Fluxograma detalhado dos artigos selecionados

Fonte: Autor do estudo, 2025.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1: Estudos incluídos para discussão, organizados por título, ano de publicação, autor, objetivo e principais resultados.

Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
A1	Práticas de cuidado dos enfermeiros A pessoas com Doenças Crônicas Não Transmissíveis.	2018	Becker, et al.	Compreender as práticas de cuidado a pessoas com Doença Crônica Não transmissível, desenvolvidas pelos enfermeiros da Atenção Primária à saúde de um município do sul do Brasil.	Identificou a importância do vínculo com o paciente e da educação em saúde para a promoção de autocuidado
A2	Atuação do enfermeiro em distintos modelos de Atenção Primária à saúde no Brasil.	2021	Toso, et al.	Comparar a atuação do enfermeiro em distintos modelos de APS – saúde da família e atenção tradicional.	Enfatizou a relevância de intervenções psicoeducativas e abordagens centradas no paciente
A3	Significados do processo saúde-doenças crônicas-cuidado para enfermeiros que atuam na saúde pública.	2016	Vasconcelos, et al.	Compreender o processo saúde-doenças crônicas-cuidado para pacientes crônicos, cuidadores e	Mostra adesão ao modelo biopsicossocial no discurso, mas com práticas ainda ancoradas no modelo biomédico; sugere

				profissionais de saúde.	capacitação para práticas holísticas.
A4	Práticas do enfermeiro no monitoramento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis na Atenção Primária à Saúde	2022	Draeger, et al.	Analisar as práticas do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde para o monitoramento das quatro principais Doenças Crônicas Não Transmissíveis	Identificou práticas como HiperDia, telemonitoramento, plano de cuidados e protocolos; reforça a importância da vigilância e atenção à saúde.
A5	Saúde mental e doenças crônicas em idosos de um grupo Hiperdia	2020	Maruyama e Ferreira	Descrever indicadores de saúde mental em idosos frequentadores de um grupo de Hipertensão e Diabetes	Evidencia necessidade de preparar equipes para reconhecer sintomas depressivos e promover psicoeducação.
A6	Estratégias utilizadas na assistência de enfermagem ao paciente adulto com doença crônica não transmissível: Uma revisão integrativa	2021	Souza, et al.	verificar as principais estratégias utilizadas na assistência de enfermagem ao adulto com doença crônica não transmissível na atenção primária a saúde.	Identificou consultas, visitas domiciliares e uso de metodologias ativas como teleatendimento; destaca a importância do cuidado integral e humanizado.
A7	Produção científica da Enfermagem sobre promoção de saúde,	2015	Valcarengi, et al.	Caracterizar pesquisas sobre promoção da	Ressalta a importância do papel da família, autocuidado e

	condição crônica e envelhecimento			saúde de idosos com condições crônicas em programas de pós-graduação.	tecnologias de cuidado; identifica a necessidade de aprimoramento constante do enfermeiro.
A8	A aplicabilidade das PICS na assistência de enfermagem em pacientes com doença crônica: Revisão Integrativa	2023	Silva e Belfort	Descrever a atuação da enfermagem com Planos de Ações através das PICS em pacientes com DCNT.	PICs promovem qualidade de vida, mas enfrentam desafios como falta de qualificação e escassez de pesquisas quantitativas.

51. Impactos das Doenças Crônicas na Saúde Mental e Adesão ao tratamento

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) representam um dos maiores desafios para os sistemas de saúde, não apenas pelos impactos físicos, mas também pelas consequências psicológicas que afetam os indivíduos ao longo do tempo. O diagnóstico e a convivência prolongada com uma condição crônica geram mudanças significativas no cotidiano, alterando hábitos de vida, impondo restrições e exigindo uma adaptação constante por parte dos pacientes. Nesse contexto, a saúde mental torna-se um fator essencial a ser considerado na abordagem dessas doenças, uma vez que o sofrimento emocional pode interferir diretamente na qualidade de vida e na adesão ao tratamento (Becker et al, 2018).

As doenças crônicas, além de impactarem a saúde física, representam desafios significativos para a saúde mental dos pacientes. Segundo Maruyama e Ferreira (2020), a depressão é mais frequente em idosos com hipertensão arterial e/ou diabetes mellitus (HA/DM), evidenciando a importância de preparar as equipes da APS para reconhecer sintomas depressivos e promover intervenções como a psicoeducação. Esse cuidado não apenas melhora a saúde mental, mas também fortalece a adesão ao tratamento.

Estudos demonstram que indivíduos que convivem com DCNT frequentemente apresentam sintomas depressivos e ansiosos, que podem agravar a evolução da doença e dificultar a adesão às terapias prescritas. Maruyama e Ferreira (2021) destacam que, entre idosos com hipertensão e diabetes, a prevalência de sintomas depressivos é significativamente alta, o que pode ser explicado por diversos fatores, como a dependência de terceiros, a perda de autonomia e as limitações impostas pelas doenças. Segundo os autores, a depressão nesses pacientes não apenas reduz sua qualidade de vida, mas também compromete a continuidade do tratamento, uma vez que a apatia e a desmotivação os levam a descuidar do uso regular de medicamentos e das recomendações médicas.

Além dos fatores emocionais, Becker et al. (2018) apontam que os determinantes sociais da saúde exercem um papel crucial na relação entre DCNT e saúde mental. A falta de acesso adequado aos serviços de saúde, a insegurança financeira e o baixo nível de escolaridade dificultam a adesão ao tratamento e intensificam o estresse psicológico. Pacientes que enfrentam dificuldades econômicas, por exemplo, podem não conseguir comprar os medicamentos necessários, o que gera um sentimento de impotência e frustração que agrava ainda mais o quadro emocional.

Outro aspecto relevante abordado por Draeger, et al. (2022) é a sensação de isolamento e solidão frequentemente relatada por indivíduos com DCNT. A necessidade de manter um regime de cuidados contínuos, evitar determinados alimentos e seguir um estilo de vida restritivo pode afastar os pacientes do convívio social, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos mentais. Essa realidade é especialmente evidente em idosos, que já estão mais suscetíveis ao isolamento devido a fatores como aposentadoria e perda de amigos e familiares. Além disso, a insegurança quanto à eficácia do tratamento e ao prognóstico da doença pode gerar sentimentos de ansiedade e medo. Muitos pacientes com DCNT convivem com a incerteza sobre o futuro e com a preocupação constante de complicações ou hospitalizações frequentes, o que pode desencadear sintomas depressivos severos e diminuir sua motivação para manter os cuidados necessários.

A relação entre saúde mental e adesão ao tratamento é um ponto central para a compreensão dos desafios enfrentados pelos pacientes com DCNT. Segundo

Vasconcelos, et al. (2016), indivíduos que apresentam sintomas depressivos ou ansiosos tendem a demonstrar menor comprometimento com o acompanhamento médico e a prescrição de medicamentos, o que pode resultar no agravamento da doença e no aumento das complicações associadas. Isso ocorre porque o estado emocional do paciente influencia diretamente sua motivação e sua capacidade de seguir as orientações terapêuticas.

Outro fator importante a ser considerado é o suporte familiar e social . Valcarenghi, et al. (2020) ressaltam que pacientes com forte rede de apoio tendem a apresentar melhor adesão ao tratamento, pois contam com auxílio para lidar com as dificuldades do dia a dia, enquanto aqueles que não possuem suporte adequado podem ter dificuldades em manter uma rotina de cuidados adequada.

Dessa forma, os estudos analisados indicam que a interação entre DCNT e saúde mental é bidirecional, ou seja, ao mesmo tempo em que as doenças crônicas aumentam o risco de transtornos mentais, os transtornos mentais dificultam o manejo adequado das doenças crônicas. Essa constatação reforça a necessidade de estratégias de cuidado que abordem ambos os aspectos de maneira integrada, garantindo não apenas o controle dos sintomas físicos, mas também o suporte psicológico necessário para que os pacientes mantenham um tratamento eficaz e uma boa qualidade de vida

52 Atuação do Enfermeiro na Mitigação dos Impactos

Diante do impacto significativo das DCNT na saúde mental e na adesão ao tratamento, a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde (APS) assume um papel fundamental na promoção de um cuidado integral e humanizado. O enfermeiro, por estar frequentemente em contato direto com os pacientes, tem a oportunidade de identificar precocemente sinais de sofrimento emocional e intervir de maneira eficaz, utilizando estratégias que vão além da assistência técnica e clínica (Draeger et al, 2022).

A abordagem do enfermeiro na mitigação dos impactos das DCNT deve ser abrangente e contínua, acompanhando o paciente ao longo do tratamento e considerando suas necessidades individuais, emocionais e sociais. Nesse sentido, Becker, et al. (2018) destacam que a visita domiciliar é uma das estratégias mais

eficientes na mitigação dos impactos das DCNT na saúde mental, pois permite que o enfermeiro compreenda o contexto de vida do paciente e ofereça um suporte personalizado. Durante essas visitas, é possível não apenas monitorar o estado físico do indivíduo, mas também avaliar sua saúde emocional, identificar barreiras para a adesão ao tratamento e oferecer orientações que possam tornar o processo de cuidado mais acessível e eficiente.

Além das visitas domiciliares, Draeger, et al. (2022) ressaltam a importância dos grupos educativos, como o programa HiperDia, que proporcionam um ambiente de troca de experiências entre os pacientes, fortalecendo o apoio social e reduzindo a sensação de isolamento. Esses grupos permitem que os enfermeiros promovam a educação em saúde de forma dinâmica, estimulando os pacientes a se engajarem ativamente no próprio cuidado e reforçando a importância do tratamento contínuo. Esse aspecto é essencial, pois, segundo Vasconcelos, et al. (2016), pacientes que possuem maior conhecimento sobre sua condição demonstram melhores taxas de adesão ao tratamento, uma vez que entendem a importância da medicação, da alimentação adequada e do acompanhamento profissional.

A educação em saúde também deve ser personalizada, considerando as necessidades e limitações de cada paciente. Vasconcelos, et al. (2016) destacam que a comunicação clara e acessível do enfermeiro pode ser determinante para que os pacientes compreendam sua condição e se sintam motivados a seguir o tratamento corretamente. Além disso, é fundamental que o enfermeiro adote uma abordagem empática e humanizada, ouvindo as dificuldades do paciente e buscando soluções práticas para facilitar a adesão ao tratamento.

O uso da tecnologia tem sido apontado como um recurso promissor na assistência aos pacientes com DCNT. Souza, et al. (2021) mencionam que o telemonitoramento e o uso de aplicativos móveis para acompanhamento da saúde são estratégias que auxiliam os enfermeiros no acompanhamento remoto dos pacientes, garantindo que eles recebam suporte contínuo mesmo quando não podem comparecer às unidades de saúde. O telemonitoramento tem sido especialmente útil para pacientes idosos ou com dificuldades de locomoção, possibilitando um acompanhamento mais frequente sem a necessidade de deslocamentos constantes às unidades de saúde.

Outra abordagem que tem ganhado espaço na prática da enfermagem é o uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICs). Segundo Silva e Belfort (2023), técnicas como aromaterapia, acupuntura e meditação têm demonstrado eficácia na redução do estresse e da ansiedade em pacientes com DCNT, auxiliando no controle dos sintomas emocionais e promovendo um estado de bem-estar que favorece a adesão ao tratamento. Essas práticas, quando aliadas ao acompanhamento tradicional, proporcionam uma abordagem mais holística e humanizada, permitindo que o paciente desenvolva estratégias naturais de autocuidado e tenha maior autonomia sobre sua saúde.

No entanto, apesar da diversidade de estratégias disponíveis, Toso et al. (2021) alertam que muitos enfermeiros enfrentam dificuldades para aplicá-las devido à sobrecarga de trabalho e à falta de capacitação específica na área de saúde mental. A alta demanda por atendimentos e a falta de profissionais nas unidades de APS fazem com que muitas dessas práticas sejam deixadas em segundo plano, dificultando a implementação de um cuidado verdadeiramente integral. Esse problema é agravado pelo modelo biomédico tradicional, que ainda predomina em muitas unidades de saúde, priorizando o tratamento medicamentoso em detrimento de abordagens mais amplas e preventivas.

A falta de tempo e estrutura para um atendimento mais individualizado também representa um desafio para a atuação do enfermeiro na mitigação dos impactos das DCNT. De acordo com Becker, et al. (2018), a pressão por produtividade e o alto número de pacientes atendidos diariamente limitam a possibilidade de uma abordagem mais humanizada e personalizada. Esse cenário compromete a qualidade do atendimento e reduz as oportunidades de intervenção precoce nos casos de sofrimento emocional e baixa adesão ao tratamento.

Para superar essas barreiras, Vasconcelos, et al. (2016) sugerem que os programas de formação em enfermagem incluam capacitações mais aprofundadas sobre a relação entre DCNT e saúde mental, garantindo que os profissionais tenham as habilidades necessárias para identificar e manejar os transtornos emocionais desses pacientes. Além disso, Valcarenghi, et al. (2020) enfatizam a necessidade de investimentos em políticas públicas que fortaleçam a estrutura da APS, garantindo melhores condições de trabalho para os enfermeiros e ampliando o acesso dos

pacientes a um atendimento humanizado e eficaz.

Outro ponto relevante é a necessidade de uma maior integração entre os serviços de saúde, possibilitando um atendimento multidisciplinar e intersetorial. O trabalho conjunto entre enfermeiros, médicos, psicólogos, assistentes sociais e fisioterapeutas pode proporcionar um suporte mais completo e eficaz para os pacientes com DCNT, garantindo que todas as suas necessidades sejam atendidas de forma coordenada. Draeger et al. (2022) apontam que modelos de atendimento integrados, nos quais diferentes profissionais atuam de forma colaborativa, apresentam melhores resultados tanto na qualidade de vida dos pacientes quanto na redução de complicações associadas às DCNT.

Dessa forma, os estudos analisados demonstram que a atuação do enfermeiro na mitigação dos impactos das DCNT na saúde mental vai muito além do atendimento clínico, envolvendo estratégias de suporte emocional, educação em saúde, uso de tecnologias e práticas complementares. No entanto, para que essas ações sejam efetivas, é fundamental que haja um fortalecimento da APS, garantindo que os enfermeiros tenham os recursos necessários para oferecer um cuidado abrangente e de qualidade aos pacientes com DCNT.

6. CONCLUSÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) impactam não apenas a saúde física dos pacientes, mas também seu bem-estar mental, influenciando diretamente a qualidade de vida e a adesão ao tratamento. O sofrimento emocional decorrente da convivência prolongada com uma condição crônica pode desencadear quadros de ansiedade e depressão, dificultando a motivação dos pacientes para seguir corretamente as orientações médicas. Além disso, fatores como isolamento social, dificuldades financeiras e a incerteza quanto ao prognóstico da doença agravam ainda mais esse quadro, tornando essencial a adoção de uma abordagem que contemple tanto os aspectos clínicos quanto os psicológicos do tratamento.

Nesse contexto, a atuação do enfermeiro se mostra indispensável para mitigar os impactos das DCNT na saúde mental. Estratégias como visitas domiciliares, educação em saúde, apoio psicossocial e grupos educativos contribuem para fortalecer o vínculo entre profissionais e pacientes, promovendo um cuidado mais próximo e humanizado. Além disso, o uso de tecnologias, como o telemonitoramento, facilita o acompanhamento contínuo dos indivíduos, permitindo intervenções precoces que favorecem a adesão ao tratamento. Práticas integrativas e complementares também se mostram alternativas eficazes na redução do estresse e na melhoria do bem-estar emocional, auxiliando os pacientes no enfrentamento da doença.

Apesar da importância dessas estratégias, desafios como a sobrecarga de trabalho dos enfermeiros, a escassez de profissionais na rede de atenção e a predominância de um modelo biomédico tradicional dificultam a implementação de um cuidado mais integral. Para superar essas barreiras, é fundamental investir na capacitação contínua dos enfermeiros, na ampliação do acesso a recursos que permitam uma assistência mais humanizada e na criação de políticas públicas que fortaleçam o suporte aos pacientes com DCNT. Além disso, a integração do trabalho multiprofissional, unindo enfermagem, psicologia, assistência social e demais áreas da saúde, pode proporcionar um atendimento mais completo e eficaz.

Diante dos achados desta pesquisa, fica evidente que o enfermeiro desempenha um papel essencial na assistência a pacientes com DCNT, indo além do controle

clínico da doença e atuando como um agente de promoção da saúde e suporte emocional. Para que essa atuação seja cada vez mais efetiva, é necessário que sejam adotadas medidas que valorizem o trabalho da enfermagem e possibilitem um atendimento cada vez mais qualificado e centrado no paciente. Dessa forma, será possível minimizar os impactos das DCNT na saúde mental, garantindo melhor qualidade de vida e favorecendo um tratamento mais eficiente e humanizado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.C.P. de; BARBOSA, C.A.; ALMEIDA, L.Y. de; OLIVEIRA, J.L. de; SOUZA, J. de. Ações de saúde mental e o trabalho do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, supl. 1, e20190376, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0376>.
- ALVES, S. R; SANTOS, R. P. dos; GIMENES, R. M. T, YAMAGUCHI, M. U. Sobrecarga de Trabalho da Enfermagem em Saúde Mental. **Rev Rene**, 17(5), 684–690, 2016. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2016000500014>
- ARAÚJO, T. M.; TORRENTÉ, M. O. N. de. Saúde Mental no Brasil: desafios para a construção de políticas de atenção e de monitoramento de seus determinantes. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília**, v. 32, n. 1, e2022012, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/sHG86NSQNYMdLY5CxdBc3gN/?format=pdf&lang=pt>.
- AZEVEDO, A. L. S; SILVA, R. A; TOMASI, E; QUEVEDO, L. de Á. Doenças crônicas e qualidade de vida na atenção primária à saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1774-1782, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sfCn4TCdsFMXBMjzFxpzDTD/>. Acesso em: 08 ago. 2024
- BARD, N.D; FEIJÓ, I.O; IPUCHIMA, J.R; PAZ, A.A.; LINCH, G.F da C. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em saúde mental utilizados em unidades de internação hospitalares: revisão integrativa. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 12, p. 1165–1171, 2021. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.8029. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/8029> . Acesso em: 9 ago. 2024.
- BATTISTELLO, C. Z; LEAL-CONCEIÇÃO, E. Fenômenos psicológicos envolvidos em pacientes hospitalares oncológicos adultos de longa permanência. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 2, p. 13426–13436, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n2-330. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44369>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- BECKER, R.M; HEIDEMANN, I.T.S.B; MEIRELLES, B.H.S; COSTA, M.F.B.N.A; ANTONINI, F.O; DURAND, M.K. Práticas de cuidados de enfermagem para pessoas com Doenças Crônicas Não Transmissíveis. **Rev Bras Enferm**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/zgFQT3LpQDWXrFwxZRmD7jF/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Brasil 2021-2030. Brasília, 2021.
- CAIXETA, C. C; MORENO, V. O. O enfermeiro e as ações de saúde mental nas unidades básicas de saúde. **Revista Eletrônica de**

Enfermagem, v. 10, n. 1, p. 1-16. 2008.

CHARLSON, F. J; ANDREW, E.M; FREEDMAN, G; ROSANA, E.N; STAPELBERG, N.J.C; BAXTER, A.J; VOS, T; WHITEFORD, H.A. A contribuição da depressão maior para a carga global da doença cardíaca isquêmica: uma avaliação comparativa de risco. **BMC Med.**, 2013;26;11:250.

COELHO, A. C. R; LEITE, M.V; CARNEIRO, K.F.P; MENDONÇA, J.R.B; MESQUITA, L.K.M; VASCONCELOS, T.B. Os principais desafios das políticas públicas de saúde para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis em municípios do Nordeste brasileiro. **Cad Saúde Colet.**, v. 31, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/xzLkqGLsQqhY8VpV4dxRbCh/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

COSTA, L. M. O. Compreensão da relação entre adoecimento mental e doenças crônicas: revisão integrativa. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, issue 5, 2023, p. 1121-1137.

DRAEGER, V.M; ANDRADE, S.R; MEIRELLES, B.H.S; PEITER, C.C. Práticas do enfermeiro no monitoramento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis na APS. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 26, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/jWV9kWLz73rpB48MwqVSDzd/>. Acesso em: 7 out. 2024.

FELICIANO, S. C. da C; VILLELA, P. B; OLIVEIRA, G. M. M. de. Associação entre a Mortalidade por Doenças Crônicas Não Transmissíveis e o Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil entre 1980 e 2019. **Arq Bras Cardiol**, v. 120, n. 4, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.20211009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/YbbkGvFjdCgXVZdpn9SCzQb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2024.

FIGUEIREDO, A. E. B; CECCON, R. F; FIGUEIREDO, J. H. C. Doenças crônicas não transmissíveis e suas implicações na vida de idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 77-88, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.33882020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/n4nH53DFx39SRCC3FkHDyzy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2024.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GONÇALVES, R. M. D. A. Ações dos Enfermeiros em Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família. 2009.

GOMES, A. C. B.; VARGAS, A. de F.M. A saúde mental dos profissionais de enfermagem que atuam no setor de urgência e emergência. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 9, n. 9, set. 2023. ISSN - 2675 – 3375.

GUSMÃO, R. O. M. Atuação do enfermeiro em saúde mental na estratégia de saúde da família. **J. Health Biol Sci.**, 2022;10(1):1-6.

HEPP, C. S. Crise na Saúde Mental: Visão da Equipe Multiprofissional. *Artigo Monografia*. **Centro universitário UNIVATES**, 45/45 pag. Lajeado, 2013.

IKUTA, C. Y. et al. Conhecimento dos profissionais de enfermagem em situações de emergência psiquiátrica: revisão integrativa. **Rev. Eletr. Enf.**, 2013.

LACCHINI, A. J. B. et al. A Enfermagem e a Saúde Mental após a Reforma Psiquiátrica. **Revista Contexto & Saúde**. Ijuí: Editora Unijuí, v. 10, n. 20, jan./jun. 2011, p. 565-568.

MALUF, A. et al. Psiquiatras e Psicólogos do Hospital Albert Einstein. **Ebook Pare e olhe para você**. 2020. Disponível em: <https://www.einstein.br/saudemental>. Acesso em: 9 ago. 2024.

MARUYAMA, M.E.B; FERREIRA, H.G. Saúde mental e doenças crônicas em idosos de um grupo Hiperdia. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 8, n. 4, p. 102-112, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497964427016/html/>. Acesso em: 13 set. 2024.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: Método de Pesquisa para a Incorporação de Evidências na Saúde e na Enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008, v. 17, n. 4, p. 758-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 8 set. 2024.

MENEZES, B. DE. A humanização hospitalar: a contribuição do psicólogo nas internações de pacientes com doenças crônicas. X Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, 2018. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-122/181.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2024.

MOURA, F. F; ZIMMER, M; TAVARES, M; ALMEIDA, G.B; SANTOS, D.B. Prevalência de sintomas de transtornos mentais comuns em pacientes internados em um Hospital Geral do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 23, n. 2, p. 139–148, 2020. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.23.125. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369404790_Prevalencia_de_sintomas_de_transtornos_mentais_comuns_em_pacientes_internados_em_um_Hospital_Geral_do_Sul_do_Brasil. Acesso em: 9 ago. 2024.

NUNES, V. V; FEITOSA, L.G.G.C; FERNANDES, M.A; ALMEIDA, A; RAMOS, C.V. Saúde mental na atenção básica: atuação do enfermeiro na rede de atenção psicossocial. **Rev Bras Enferm.**, 2020;73(Suppl 1):e20190104.

OLIVEIRA, V. P. C; SANTANA, M.A; ALMEIDA, L.C.O de; MAIA, A.M C. da S; LIMA, A.A.C. Atuação da Enfermagem na Assistência à Saúde da Pessoa Idosa. **Revista Saúde UNIFAN**, v. 2, n. 1, p. 27-34, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. **Genebra: OMS**, 2015.

Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. A declaração PRISMA 2020: uma diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. 2021;48(3):e2021325.

SANTOS, C. M. da C.; PIMENTA, C. A. de M.; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 508-511, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/rjrlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt>.

SILVA, A. J. da; SILVA, M. C.G.G. da. Saúde Mental: intervenções de enfermagem e manejo em situações de crise, urgência e emergência. Mauá – SP, 2022.

SILVA, D. L. F. Papel do Enfermeiro na Saúde Mental. Londrina-PR, 2018.

SILVA, L.M; BELFORT, M.G.S. A aplicabilidade das PICs na assistência de enfermagem em pacientes com doença crônica: revisão integrativa. **Saúde e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 52-61, 2023. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/9745>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SONAGLIO, R. G.; LUMERTZ, J.; MELO, R. C.; ROCHA, C. M. F. Promoção da saúde: revisão integrativa sobre conceitos e experiências no Brasil. **J. Nurs. Health.**, 2019;9(3):e199301. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1047304/8.pdf>. Acesso em: 8 set. 2024.

SOARES, M. M; ROCHA, K.S.C; CASTRO, K.C.E de; AMÂNCIO, N. De F.G. A importância de hábitos saudáveis e adequados na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 12, n. 1, p. e18012139295, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i1.39295. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39295>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, A.R.S.S; VIANA, M.C.A; PINHEIRO, W.R; BRAGA, S.T; VIDAL, E.C.F; SAMPAIO, L.R.L. Estratégias utilizadas na assistência de enfermagem ao paciente

adulto com doença crônica não transmissível: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17881>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SOUZA, M. N. A; COSTA, R. M; SANTOS, M. C. L. Tópicos de pesquisa em ciências da saúde: tipos de revisão de literatura, bases de dados em saúde, normas da ABNT e estilo Vancouver. Fortaleza: [s. n.], 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/65033/1/2022_liv_mnasouza.pdf.

TOSO, R.F.O; FUNGUETO, L; MARASCHIN, M.S; TONINI, N.S. Atuação do enfermeiro em distintos modelos de Atenção Primária à Saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 130, p. 666-680, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2021.v45n130/666-680/>. Acesso em: 15 set. 2024.

VALADARES, F. Neurocientista. O que é saúde mental?. **Escola Prática Mente**. 2019. Disponível em: <https://www.escolapracaticamente.com.br/o-que-e-saude-mental/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

VALCARENGHI, R.V; LOURENÇO, L. F. L; SIEWERT, J. S; ALVAREZ, A. M. Produção científica da Enfermagem sobre promoção de saúde, condição crônica e envelhecimento. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 3, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/4dsLdPFLybHftVZMVXxQppG/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VASCONCELOS, C.L.B; FERREIRA, C.B; GOMES, A.L; QUEIROZ, Y.L. Significados do processo saúde- doenças crônicas-cuidado para enfermeiros que atuam na saúde pública. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 96-109, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5535397> . Acesso em: 15 set. 2024.

VERISSIMO, M. L.; ALMEIDA, S. P. C. Intervenções de enfermagem em saúde mental: práticas e desafios. **Rev. Saúde em Debate**, 2023;49(8):1-12. DOI: 10.34117/sdeb.v49n8. Disponível em: <https://www.revistasemsaudedebate.com.br/artigo-mental2023>.

ZANATTA, F. A.; COSTA, R. S.; OLIVEIRA, P. M. A inserção da enfermagem no cuidado a pacientes com doenças crônicas: uma abordagem multidisciplinar. **Revista Saúde Integral**, v. 12, n. 4, p. 45-54, 2022.